

● FINAL FELIZ

Minha alegre casinha

Projecto 'Porto Santo Solidário' devolveu a Persília da Silva o direito a uma habitação condigna. Iniciativa da Associação Casa do Voluntário já apoiou cerca de 70 famílias com dificuldades económicas

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

“Que saudades que eu já tinha da minha alegre casinha, tão modesta quanto eu”. A letra do clássico popularizado pelos Xutos & Pontapés dispensa apresentações, mas – sobretudo numa altura em que a crise da habitação está na ordem do dia – faz-nos lembrar que o direito a uma habitação condigna está consagrado no artigo 65º da Constituição da República Portuguesa e, desde 2019, na lei de bases da habitação. Ainda assim, um dos principais problemas sociais identificados pela Associação Casa do Voluntário na ilha do Porto Santo prende-se, precisamente, com as más condições de habitabilidade. Isto numa ilha afectada pelos ‘eternos’ problemas do isolamento e da sazonalidade nos meses de Outono/ Inverno, devido à grande dependência do Turismo, com impacto económico na vida dos seus habitantes.

A pandemia de covid-19 veio agravar esta situação, deixando pessoas como Persília da Silva completamente desamparadas. A mulher, de 66 anos, que sempre viveu da costura, viu-se sem trabalho na altura da pandemia, sobrevivendo à custa de uma pensão de apenas 290 euros.

A ‘magra’ fonte de rendimentos não lhe permitia fazer os melhoramentos necessários na casa, onde vive sozinha, vendo-se a braços com problemas de isolamento térmico e diversas infiltrações devido à inexistência de telha.

“Era uma casa dos meus pais. Arranjei apenas uma parte, que era um anexo (...). Sentia muito calor



Em 2021, Persília pediu ajuda para requalificar a antiga casa, com diversas infiltrações devido à inexistência de telha. FOTOS DR

no Verão e muito frio no Inverno, mas [arranjar] o telhado ficava muito caro. Embora seja uma casa pequena, era muito dinheiro para as minhas condições financeiras”, reconhece Persília.

A costureira, que subsistia com muitas dificuldades, decidiu então recorrer à Casa do Voluntário, situada temporariamente no Parque de Campismo do Porto Santo (e com mudança prevista para as instalações definitivas, na antiga Escola da Ponta, em Abril deste ano).

“Foi um vizinho meu, que sabendo da minha situação, disse: ‘vai, inscreve-te, que pode ser que tenhas sorte’”, recorda Persília. “Eu já tinha ouvido falar nesta situação da Casa do Voluntário, mas na verdade não tinha pensado sequer em dirigir-me aqui para fazer o pedido”, confessa.

“Existe muita gente com muitas dificuldades e que também tem vergonha de pedir ajuda”, constata a mulher, para quem a vida nunca foi fácil. Lembra, a propósito, a sua infância e o exemplo deixado pelo pai.

“[O meu pai] trabalhava sozinho para sustentar uma casa de 12 pessoas e não pedia nada a ninguém, porque tinha vergonha. Eu já não faço isso. Sim, fui ajudada e estou muito satisfeita e agradecida por isso”, sublinha.

Persília da Silva submeteu o pedido de apoio à requalificação da sua habitação, em 2021, ano em que o projecto ‘Porto Santo Inclusivo’ teve



o seu início oficial, com a assinatura do acordo de cooperação entre a Associação Casa do Voluntário e o Governo Regional da Madeira.

Através desta iniciativa, a Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), já apoiou cerca de 70 famílias com dificuldades económicas. “Em articulação com o Governo Regional da Madeira, aceitamos inicialmente a inscrição de 76 agregados familiares. Após três anos do início do projecto já conseguimos colmatar mais de 45 pedidos de equipamentos de primeira necessidade (como frigoríficos, fogões, esquentadores, equipamentos de saúde como camas articuladas, cadeiras de rodas). Conseguimos ajudar mais de 15 famílias com materiais de construção para pequenas reabilitações e já conseguimos fazer cerca de 10 obras de reabilitação de habitações, maioritariamente colocações de telhados que vêm colmatar a necessidade de protecção e auxiliar na regulação térmica da própria casa”, revela Catarina Abreu.

A técnica da Casa do Voluntário, destacada para o Porto Santo, salienta que “estas obras têm sido essenciais para a conservação das próprias casas, principalmente pelas grandes infiltrações que também provocam ambientes muito pouco saudáveis”. “Nós fazemos visitas domiciliárias todas as semanas e há muita gente que está nestas condições, com questões de habitabilidade

Sim, fui ajudada e estou muito agradecida (...). Existe muita gente com dificuldades e vergonha

de muito complicadas, dada esta circunstância”, insiste.

Devido ao elevado número de pedidos de ajuda, casos como o de Persília da Silva tardam a ser resolvidos. Com efeito, a costureira teve de esperar cerca de dois anos para ver concretizada a intervenção na sua casa. A obra arrancou, finalmente, em Outubro de 2022 e ficou concluída em Dezembro último.

“Se um telhado custar cerca de 10 ou 12 mil euros, imagine os recursos financeiros que são necessários para reconstruir todos os telhados, quando nós temos cerca de 50 a 60 pedidos”, desabafa Catarina Abreu.

“[Apesar das dificuldades] gostava muito que, através da história da senhora Persília, se conseguisse perceber o empoderamento que o nosso projecto, desde 2021, trouxe ao Porto Santo e que as entidades percebessem que nós estamos a trabalhar todos os dias e a conseguir ajudar as pessoas”, manifesta a técnica.

“Estou muito contente, porque tudo aquilo que eu pedi foi concretizado”, reitera Persília, a quem, no âmbito deste projecto, também foi oferecido um esquentador e um frigorífico. “Para quem ganha menos a vida é uma ginástica, mas sinto-me uma vencedora, porque sozinha como sou, faço aquilo que posso (...) e, no fundo, sinto-me feliz”, conclui desde o “modesto primeiro andar” da sua renovada e alegre casinha.